

Ser e Estar Indígena¹

Williame BRITO²

Tainah VILHENA³

Danielle BASTOS⁴

Viviane Menna BARRETO⁵

Faculdade Estácio FAP, Belém, PA

RESUMO

Este paper apresenta um conjunto de fotografias artísticas denominado “Ser e Estar Indígena” que foi desenvolvido durante os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas realizados em Palmas, no Tocantins. Foi um trabalho integrado entre as disciplinas comunicação comunitária e fotografia jornalística. A proposta era realizarmos durante uma semana a cobertura das competições, entrevistar os indígenas e divulgar uma campanha sobre diabetes e os perigos do consumo de refrigerante para a saúde. Deste duplo encontro surgiu o projeto de fotográfico que registrou a relação entre os indígenas e as tecnologias digitais que retratou encontros, vivências traduzidas na seleção e edição dessas imagens que buscam evidenciar este percurso e nossas impressões sobre o indígena na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia artística; I Jogos Mundiais Indígenas; fotojornalismo; fotodocumentalismo.

1 INTRODUÇÃO

Um interesse estético e cultural me levou a querer ir mais a fundo sobre a cultura indígena: as danças, pinturas, artesanatos, garra e coragem que esses povos tem de lutar pelos seus direitos. Neste contexto em 2015 fui para Palmas no estado do Tocantins onde aconteceu o I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) entre 23 de outubro e 1 de dezembro e encontrei mais de dois mil atletas indígenas.

No início o contato com os indígenas foi dificultoso. Eles estavam sendo muito assediados E tendo dificuldade para entrar no evento pois o acesso ao espaço dos jogos, onde iriam acontecer as competições, estava sendo restrito a um número determinado de indígenas por etnia, quem possuía credenciamento ou convite. Os indígenas não permitiam fazer fotografias. Sentimos rejeição por não sermos estrangeiros, não utilizarmos equipamentos de grande porte e nem fazermos parte da mídia corporativa.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade fotografia artística avulso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tainah.vilhena@hotmail.com

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Jornalismo, email: williamebrito@hotmail.com.

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso Jornalismo, email: danielle.bastos86.db@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Jornalismo email: vivimenna@uol.com.br.

Para entrar no JMPI criamos então estratégias: tentamos todas as formas de credenciamento, buscamos entradas alternativas, acompanhamos os protestos das etnias não credenciadas, sem sucesso. Até que descobrimos a entrada de serviço por onde colaboradores, vários jornalistas e fotógrafos tinham acesso para toda área dos jogos. A sensação era de adrenalina e emoção pois a barreira de contensão do evento era composta pela polícia federal uma vez que o JMI foi organizado pelo Estado de Tocantins mas sob o comando do Ministério de Esporte e Lazer. Depois de toda dificuldade para entrar ainda precisamos desenvolver todo trabalho fotográfico com muito cuidado pois tinham muitas seguranças e apenas os fotógrafos credenciados pela organização tinham livre acesso a todos os locais do evento.

O projeto que nos levou a Palmas relacionava fotografia e cidadania. E nasceu como trabalho integrado das disciplinas comunicação comunitária e fotografia jornalística enquanto proposta para se criar uma narrativa visual e um diálogo com indígenas e alertar sobre os perigos do consumo de refrigerante para a saúde. Este tema foi sugerido para os professores da Estácio em 2014 pelo líder indígena Marcos Terena que apresentou dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que apontavam o crescimento alarmante do número de indígenas diabéticos nas aldeias.

Então paralelo ao projeto de realizar a cobertura fotográfica do evento e interagir com os povos indígenas, nosso grupo composto por 10 alunos levaram também na bagagem peças fotográficas, instalações e banners com uma campanha preventiva contra a diabetes que seria exposta nos espaços de encontro com os atletas indígenas.

Isso facilitou o contato com os indígenas pois o tema era do interesse deles. Percebemos que a ideia teve aderência e muitos se aproximavam da exposição pedindo mais informações. Todo esse contato foi impressionante. A espetacularização do esporte, as músicas, o sincronismo das danças, as pinturas específicas de cada etnia, a torcida e as disputas pareciam oferecer momentos de realização por possibilitar conhecer de perto povos que antes conhecia apenas pelos meios de comunicação.

Depois que tudo se normalizou começamos a cobertura do evento com entrevistas e fotografias. Mas além de fotojornalismo foi nascendo um projeto fotográfico onde fomos

priorizando os indígenas que se aproximaram da exposição e que assistiam os jogos utilizando equipamentos tecnológicos tais como celular, câmera fotográfica. A ideia era fazer fotos que focassem o indígena inserido neste momento contemporâneo, midiático, onde eles criam e fazem a imagem. Eles são a imagem, o show e registram e compartilham estas imagens por meio de filmes e fotos disponibilizados pelas redes sociais.

Como acima citado fomos percebendo que nossos registros poderiam mais do que mostrar os resultados dos jogos revelar o indígena que hoje está muito inserido nas tecnologias, e que pode ser mais facilmente encontrado por não especialistas nos eventos de política indígena, nas faculdades e nos jogos indígenas. Busquei não apenas fazer com que nos aproximássemos desses indivíduos tornando-os mais visíveis e criando outras narrativas visuais possíveis.

Fotografando e posteriormente editando as imagens geradas percebemos que de alguma forma poderíamos tentar tornar esse o assunto mais visível para outras pessoas que nos cercavam se também ampliássemos o fazer fotográfico em busca de uma manifestação mais artística do evento.

Então foi um processo de transição. Primeiro pensando na cobertura foto jornalística, imediatista dos vencedores e vencidos, depois das performances dos alunos fazendo a campanha contra a diabetes. Depois percebemos que poderíamos desenvolver um processo fotodocumental voltado para um projeto de registrar os indígenas em diálogo com as tecnologias.

o fotojornalista raramente sabe exatamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projeto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. Este background possibilita-lhe pensar no equipamento requerido e refletir sobre os diferentes estilos e pontos de vista de abordagem do assunto. (SOUZA, 2000, p.07)

E por fim a partir do resultado destes processos tentamos construir esse trabalho de fotografia artística utilizando o software de edição de fotos Adobe Photoshop.

2 OBJETIVO

Fazer ensaio fotográfico sobre uso de tecnologias digitais por indígenas na atualidade.

3 JUSTIFICATIVA

Escolhemos fazer um trabalho fotográfico nos JMI Jogos Mundiais Indígenas, pois o evento foi histórico e reuniu mais de dois mil atletas indígenas de 24 etnias e 30 países, tais como, da Rússia, Nova Zelândia, Congo, Filipinas, Mongólia, Peru, Venezuela, Canadá, China, além dos povos indígenas do Brasil entre os quais podemos citar os Assurini, Bororo Boe, Guarani Kaiowá, Javaé Itya Mahãdu, Kamayura, Krajá, Kayapó Mebêngôkre, Kyikatêjê/Parakatêjê, Pataxó, Terena, Wai Wai entre outros. Focamos nos povos indígenas brasileiros porque estávamos trabalhando uma campanha contra o consumo de refrigerante para prevenir diabetes.

Escolhemos trabalhar com efeitos de PB e cor dentro de uma relação onde trabalhamos a fotografia colorida associada a ideia de contemporaneidade e as fotos digitais e o efeito (PB) Preto e Branco relacionado a fotografia artesanal utilizada no passado. A ideia era também buscar nesse efeito remeter aos recursos possíveis de se fazer em uma foto utilizando os aplicativos disponíveis em celular.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Nossa pesquisa é qualitativa. Entrevistamos indígenas e lideranças como Marcos Terena e Carlos Terena e mergulhamos no universo dos jogos indígenas, segundo Duarte (2002 p.3)

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado

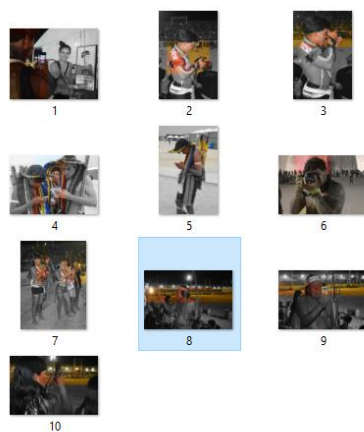
Para chegar a compreensão mais ampla da problemática abordada, usamos as técnicas de pesquisa online e bibliográfica. Para Mendes (2009, p.3) apud Freitas et al. (2004), a pesquisa online

Oferece uma série de vantagens sobre as demais pesquisas qualitativas. Segundo os autores, o pesquisador tem a possibilidade de utilizar recursos que, em um processo normal de pesquisa, não seriam possíveis. Além disso, o respondente, por sua vez, recebe estímulos de várias ordens, podendo ser visuais, sonoros etc., que o incentivam a participar. Também pesa a favor do pesquisador a facilidade com que tudo isso é feito e, a favor do respondente, a liberdade de participar quando lhe for mais conveniente.

Por meio da pesquisa online nos aprofundamos sobre a o evento programação, as etnias presentes, técnicas de entrevista com os indígenas. Pesquisei também artigos sobre fotojornalismo, fotografia artística bem como efeitos na edição da fotografia, referências de fotografias artísticas.

As técnicas utilizadas foram fotografia digital com câmera Canon T5i e Nikon D3200 lente 18-55 MM. Utilizamos também celular Samsung Grand Primer e Samsung S4 mini e na edição software de edição de fotos Adobe Photoshop.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO



Foram mais de 500 fotos produzidas sobre os jogos indígenas. Para a montagem desta exposição foi feita uma seleção inicial de vinte fotos de indígenas de diversas etnias brasileiras, destas escolhemos dez fotos em que trabalhamos com software Photoshop do ADOBE utilizando a ferramenta de recorte , o efeito PB sobre foto colorida.

Nas fotos trabalhadas criamos o seguinte critério: centralizar na foto o indígena utilizando a tecnologia que permaneceu colorido deixando em PB as partes que não correspondiam a proposta central de forma a diminuir o destaque para o entorno desta cena.

Legenda das fotos da exposição

Figura 1 – Durante a exposição da Campanha Contra o Consumo de Refrigerante militante é fotografada por indígena

Figura 2 – Indígena na arquibancada da arena dos Jogos avaliando imagem capturada das competições

Figura 3 - Indígena na plateia dos Jogos fotografando as competições

Figura 4 - Indígena da etnia Manoki faz tradução para seu idioma das mensagens para campanha contra o consumo de refrigerante

Figura 5 - Indígena compartilhando fotos nas redes sociais

Figura 6 – Indígena Xinguano fotografando fotógrafo.

Figura 7 – Dentro da arena fotografando a apresentação dos parentes da etnia.

Figura 8 – Senhor Indígena da etnia Gavião faz selfie durante os jogos

Figura 9 Cena recorrente: indígena Gavião tira foto do fotógrafo.

Figura 10 Jovem da etnia Gavião Parkateje fotografa os jogos da plateia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como acadêmicos de comunicação social esse trabalho fotográfico, fez mudar nossa visão sobre os indígenas, além de possibilitar adquirirmos conhecimentos para nossa realização profissional. A experiência nos possibilitou a reflexão sobre fotografia, vivenciar fotojornalismo, fotodocumentalismo e extrapolar por meio da criação artística. Além disso nos levou a intensificar o uso de tecnologias digitais.

Ampliamos nossa compreensão sobre os indígenas na atualidade e nos fez perceber, que a mídia corporativa não mostra de fato a complexidade do indígena contemporâneo, quando realiza suas reportagens. A mídia corporativa faz mais referências aos indígenas do passado e não da atualidade. Reunir imagens de indígenas utilizando tecnologias digitais fez com

que pudemos também compreender de forma mais realista saberes e fazeres das diferentes etnias e significado do ser e estar indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. 2000. Disponível em: <<http://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2016.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115>>. Acesso em: 26 maio 2016.

MENDES, Conrado Moreira. A PESQUISA ONLINE: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Revista Hipertextus**, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2016.